

GENERIFICANDO O FUTEBOL: SENTIDOS PLURAIS, BRICOLAGEM E MOBILIZAÇÃO NO FUTEBOL DE MENINAS DE 6 A 9 ANOS*

Bruna Saurin Silva

bruna.saurin@gmail.com

Mariana Zuaneti Martins

mariana.zuaneti@gmail.com

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

RESUMO

Neste descrevemos um contexto de ensino-aprendizagem-treinamento do futebol para meninas, buscando descrever e analisar a produção de sentido e os fatores que contribuem para a mobilização para o jogo. Para tanto, observamos as aulas durante seis meses, registrados em diário de campo. Apontamos para maneiras singulares de se vivenciar o esporte e propomos uma leitura que supere a descrição dos sujeitos, e que seja capaz de promover espaços mais acolhedores para o acesso de meninas na modalidade.

PALAVRAS-CHAVE

Gênero; Esporte; Pedagogia do esporte

INTRODUÇÃO

Embora as escolinhas de futebol sejam muito comuns no Brasil, estes espaços de educação não formal voltados à promoção de ensino-aprendizagem-treinamento para crianças e jovens, ainda não são predominantemente abertos às meninas (VIANA, 2012), seja pelas justificativas e discursos culturais que afirmam o não interesse de mulheres e meninas pela prática de futebol, ou pela ausência de interesse das próprias escolinhas e federações em promover o futebol para elas. Chama a atenção também o fato de que a maior parte das mulheres atletas de futebol ou futsal teve como primeira oportunidade de treinamento apenas o ambiente escolar (SOUZA; MARTINS, 2018). Isso porque, segundo Goellner (2010, p.81), “muitos elementos de ordem cultural, historicamente, têm privilegiado determinados indivíduos e grupos em relação a outros, inclusive, no campo do acesso e da permanência nas atividades esportivas”. Tais entrelaçamentos são fruto das relações de gênero, de modo que, histórica e socialmente, são construídas diferenças na percepção social sobre os sexos, que se constituem também como relações desiguais de acesso a recursos e de poder (SCOTT, 1995).

* O presente trabalho foi realizado com apoio: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) Código de Financiamento 001



A partir disso, faz-se importante considerar que elementos da prática esportiva podem ser aprendidos de distintas formas pelos seus participantes, assim como podem ser diversos também os sentidos e significados atribuídos a essa prática (VIANA, 2012).

Neste contexto, ao investigarmos uma escolinha de futebol que destina espaços específicos para meninas, questionamos sobre como elas aprendem a jogar? Como negociam com essas heranças culturais e as desigualdades de oportunidades, e conferem sentido para a prática? Que fatores influenciam na relação com esse saber? Desta forma, a partir de teoria das relações com o saber, de Bernard Charlot, e dos estudos de gênero, buscamos descrever e analisar os diferentes sentidos produzidos nas aulas/treinamentos e as diferentes formas de mobilização e de não-mobilização das meninas para o futebol.

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi construída a partir de uma metodologia de inspiração etnográfica e buscou compreender contextos de ensino-aprendizagem-treinamento de meninas participantes de uma escola de futsal/futebol na cidade de Vitória/ES. O espaço conta com turmas separadas por sexo, sendo quatro delas formadas por meninas, num total de 55 participantes entre 6 e 15 anos. Para este trabalho, recortamos as observações vinculadas à TURMA 1, composta por garotas com idade entre 6 a 9 anos, que treinam neste espaço duas vezes por semana, durante uma hora.

A imersão no campo de investigação teve duração de seis meses, totalizando 40 registros de diário de campo e observações, o que nos permitiu produzir o *corpus* desta pesquisa. Com base nessas descrições que interpretamos os sentidos da relação que as meninas estabelecem frente às atividades realizadas.

SENTIDOS, MOBILIZAÇÃO E (DES)MOBILIZAÇÃO: COMO ELAS JOGAM?

As observações e notas feitas em diário de campo nos permitiu compreender diferentes aspectos ligados a produção de sentido em torno da modalidade em questão. A separação por sexo se mostrou um ponto positivo para a inserção de meninas nos espaços daquela instituição, o que acarretou num aumento significativo no número de alunas. Isso nos levou a crer na existência de um ambiente favorável e de incentivo à prática esportiva de meninas.

Considerando esse cenário, nos debruçamos, então, em apontar quais condições, circunstâncias e comportamentos se desdobraram como favoráveis, desfavoráveis ou que produziram situações ambíguas para a mobilização das alunas em relação à prática.

Elementos favoráveis à mobilização das alunas

A separação de meninas e meninos era vista pelos familiares e também pela direção da escolinha como positiva, pois segundo eles diversos critérios como: habilidade, força, agilidade, os separavam, ou seja, estes naturalizavam uma suposta diferença sexual nas possibilidades físicas de meninas e meninos, apontando para uma “essência interna natural dos sexos” (MESSNER, 2000, p. 770). Durante a observação foi possível notar que esta separação gerava um espaço favorável, todavia por outros motivos. Nos treinos protagonizados pelas meninas, era possível notar altos níveis de competitividade, força, velocidade, dando às justificativas apontadas pelos pais e direção um tom de incoerência. No entanto, a mobilização era propiciada por um espaço habitado por pessoas que partilhavam ou conseguiam edificar vínculos afetivos durante o jogo. Durante os treinos elas normalmente comemoravam gols se abraçando (inclusive gols adversários), elogiavam sempre as jogadas bonitas, tanto das companheiras como das adversárias, e se desculpavam sempre umas com as outras em lances mais duros. Nos momentos em que lhes deliberavam a tarefa de formar times elas priorizava a escolha de uma “amiga” em detrimento de uma jogadora considerada habilidosa.

Por vezes as meninas transformavam os momentos de treino em brincadeiras. Durante as filas ou em momentos de ócio durante os jogos, elas demonstravam suas habilidades de ginástica e *ballet*, realizando “estrelinhas” e outras manobras. Por vezes realizavam passos de dança, enquanto outras recriavam jogos com a bola. Esses momentos deixavam claro que suas experimentações fora daquele espaço de treinamento



também repercutiam e atravessavam seus modos de vivenciar o futebol, de modo que o sentido criado para aquele esporte era permeado pela bricolagem das práticas com as quais elas se identificavam (CHARLOT, 2000). Deste modo, este espaço bricolado de aprendizagem do futebol, era também um pedacinho ativo para diversas outras práticas (OLIVEIRA; DAOLIO, 2014), contrariando discursos que afirmam que meninas são pouco ativas porque não partilham o gosto por práticas corporais.

Esse espaço de exclusividade corroborou para um ambiente esportivo possível, no qual elas redesenharam suas práticas de acordo com suas demandas, construindo novos sentidos e significado em torno da modalidade, sem que o treinamento deixasse de acontecer. Portanto, a existência de um espaço, sem interferências ou cobranças de serem boas ou más jogadoras, se desenhou como um fator mobilizador para a participação delas. A construção desse ambiente seguro, possibilitava que elas se expressassem e agissem de acordo com suas demandas, criando um espaço de empoderamento, o qual elas escolheram estar (OLIVER; HAMZEH; MCCAUGHTRY, 2009).

Os momentos de treinamento além de colocá-las semanalmente frente a um ambiente sistematizado de treinamento, também lhes conferiram um espaço de acolhimento dentro da modalidade, ou seja, além de treinarem, as meninas eram também estimuladas semanalmente a se aventurarem, conhecerem e se apropriarem da modalidade, conferindo não somente aos treinos de fundamento e coletivos o mérito de suas evoluções, mas também aos momentos em que “brincavam” de jogar futebol fora do horário de treinamento.

Elementos de uma possível (des)mobilização das meninas

Durante as observações elementos se mostraram como fatores de (des)mobilização para a prática do futebol. O primeiro deles tem a ver com a divisão de turmas, feito por idade. Essa separação contribuía para a formação de grupos heterogêneos principalmente em relação à leitura de jogo. Os diferentes níveis de jogo presente naquele grupo causava desconforto para as meninas iniciantes, que ainda não desenvolviam as capacidades de jogo necessárias ao passo que promovia também certa desmotivação entre as mais experientes, que não conseguiam jogar devido a desigualdade de nível dentro da própria equipe.

Além disso, era muito frequente a utilização de filas para ensino dos “fundamentos”. Essa opção analítica de treino, fruto da compreensão de aprendizado por meio de repetição de gestos técnicos, se apresentava como uma ambiguidade para a mobilização. Por um lado, os longos momentos de filas eram desmotivantes, por outro, serviam para produzir sentidos, pois ao mesmo tempo em que perdiam muito tempo de contato com a bola, estes períodos também propiciavam momentos de descontração, conversas e brincadeiras. Nestes momentos de ócio e de tédio frente às atividades proposta, as meninas faziam “bagunça”, algumas gritavam, outras sentavam no chão, outras saíam da fila em busca de outras bolas, dançavam e viravam estrelas. Estes casos foram vistos por nós como uma forma de resistência àquele formato de treino, que as desagradava, de modo a tensionar o que lhes era proposto pelo professor. Essas atitudes por vezes obrigava o professor a repensar a atividade proposta ou, em outros casos, o incômodo causado pela não docilização daqueles corpos na fila repercutia em broncas dadas no fim da aula.

REMATES PROVISÓRIOS

A presente investigação forneceu indicativos sobre como meninas em contexto de ensino-aprendizagem-treinamento futebol atribuem sentidos à essa prática. Em nossa interpretação, a criação de vínculos e a possibilidade de expressão de sentidos plurais, não permeados pelo tom da masculinidade hegemônica, permitiu a inserção dessas meninas, produzindo um espaço de apropriação livre de censura às suas preferências e brincadeiras.

Além disso, como fator de desmobilização, apresentava-se algumas opções didático-pedagógicas do treino, que organizava as turmas por idade e que priorizava o treinamento por meio de filas e de jogo formal. Este, por sua vez, apesar de muito desejado por elas, também provocava a (des)mobilização devido à desigualdade existente entre meninas mais experientes e menos experientes. Por outro lado, as filas, ao mesmo tempo em que eram encaradas com desgosto pelas meninas, que resistiam àquela estrutura disciplinar, também era o momento em que elas se divertiam, dançando, praticando ginástica e conversando.

Essa leitura nos permite ir além da descrição de como se comportam esses indivíduos, e repensar os modelos de aulas propostos para essa modalidade esportiva. Uma leitura que ultrapasse o senso comum



acerca da participação de meninas no esporte e que envolvam as discussões atuais sobre gênero, pode ser uma das ferramentas eficazes na promoção de espaços mais acolhedores e de um avanço no acesso de meninas à prática do futebol.

GENDERING FOOTBALL: PLURAL MEANINGS, BRICOLAGE AND MOBILIZATION TO PLAY OF 6 TO 9 YEARS GIRLS

In this paper we describe a context of teaching-learning-training for girls, trying to describe and analyze the production of meaning and the factors that contribute to the mobilization for the game. To do so, we observed the classes for six months, recorded in field diary. We point to singular ways of experiencing the sport and we propose a reading that surpasses the description of the subjects, and that is able to promote spaces more welcoming for the access of girls in the modality.

KEYWORDS: *Gender; Sport; Sports pedagogy*

GENERIFICANDO EL FÚTBOL: SENTIDOS PLURALES, BRICOLAGEM Y MOVILIZACIÓN EN EL FÚTBOL DE NIÑAS DE 6 A 9 AÑOS

RESUMEN

En este describimos un contexto de enseñanza-aprendizaje-entrenamiento del fútbol para niñas, buscando describir y analizar la producción de sentido y los factores que contribuyen a la movilización para el juego. Observamos las clases durante seis meses, registrados en diario de campo. Apuntamos para maneras singulares de vivenciar el deporte y proponemos una lectura que supere la descripción de los sujetos, y que sea capaz de promover espacios más acogedores para el acceso de niñas en la modalidad.

PALABRAS CLAVES: *Género; Deporte; Pedagogía del deporte*

REFERÊNCIAS

- CHARLOT, B. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. *Cadernos de Formação RBCE*, v. 1, n. 2, 2010.
- MESSNER, M. A. Barbie girls versus sea monsters: Children constructing gender. *Gender & Society*, v. 14, n. 6, p. 765-784, 2000.
- OLIVEIRA, R. C.; DAOLIO, J. Na "periferia" da quadra: Educação Física, cultura e sociabilidade na escola. *Pro-Posições*, v. 25, n. 2, p. 237-254, 2014.
- OLIVER, K. L.; HAMZEH, M.; MCCAUGHTRY, N. Girly girls can play games/las niñas pueden jugar tambien: Co-creating a curriculum of possibilities with fifth-grade girls. *Journal of teaching in physical education*, v. 28, n. 1, p. 90-110, 2009.
- SCOTT, J. *Gênero: uma Categoria Útil de Análise Histórica*. Educação e Realidade. 20 (2), p.71-99, 1995.
- SOUZA, A. C. F.; MARTINS, M. Z. O paradoxo da profissionalização do futsal feminino no Brasil: entre o esporte e outra carreira. *Pensar a Prática*, v. 21, n. 1, 2018.
- VIANA, A. E. S. *As relações de gênero em uma escola de futebol: quando o jogo é possível*. 2012. Tese (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, 2012.

